

A coleção egípcia do Museu Nacional: contextos de formação e sua destinação para museus

Rafael Rodrigues Felix*

Recebido em: 09/07/2021
Aprovado em: 10/08/2021

Resumo

Adquirido por D. Pedro I, o conjunto de antiguidades de procedência egípcia, leiloado por Nicolau Fiengo, entra nas coleções do Museu Nacional em 1826. Tem um percurso carente de compreensão, desde as formas de apropriação dos artefatos arqueológicos, os empreendimentos de aventureiros, exploradores e comerciantes, até serem expostos em museus. Sem consciência do verdadeiro valor e sem controle do patrimônio do país, os objetos ficaram passíveis de roubo, tráfico, contrabando e descuido por quase cinquenta anos, até o final do reinado de Mohamad Ali. Após a promulgação da primeira lei de proteção das suas heranças (COLLA, 2007, 101), em 1835, e a atribuição de valor às peças, foi sugerido que o melhor destino para elas seriam os museus em formação. Desde aquele momento, e até hoje, a primeira coleção do gênero nas Américas, compartilha a mesma origem daquela dos museus Britânico e do Louvre, foco de interesse e de estudo.

Palavras-chave

Museologia; Museu; Egito; Egiptologia; Formação de coleções.

Abstract:

Acquired by D. Pedro I, the set of antiquities of Egyptian origin, auctioned by Nicolau Fiengo, enters the collections of the National Museum in 1826. It has a path lacking understanding, since the forms of appropriation of archaeological artifacts, the ventures of adventurers, explorers and merchants, till to be exhibited in museums. Unaware of the true value and without control of the country's assets, the objects were liable to theft, trafficking, smuggling and carelessness for almost 50 years, until the end of the reign of Mohamad Ali. After the enactment of the first law protecting their inheritance (COLLA, 2007, 101), in 1835, and the attribution of value to the pieces, it was suggested that the best destination for them would be the museums in formation. Since that time, and until today, the first collection of its kind in the Americas, shares the same origin of that of the British museums and the Louvre, focus of interest and study.

Keywords

Museology; Museum; Egypt; Egyptology; Collection formation.

* Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e pós-graduando em Análise Pericial em Ciências Forenses pelo Centro Universitário UniRedentor. Tem experiência em catalogação e documentação de acervos museológicos, pesquisa de acervos, assessoria de curadoria e montagem de exposições. E-mail: rafaffelix@hotmail.com.

Introdução

Estabelecido como uma das grandes civilizações da Antiguidade, o Antigo Egito desenvolveu-se através de formas políticas, artísticas e religiosas bem particulares e, em parte, por conta de sua condição geográfica, sofreu influências culturais que modificaram e transformaram sua realidade. Unificado no ano de 3100 a.C. por Narmer, creditado como o primeiro faraó do Antigo Egito, terminou oficialmente em 31 a.C., quando caiu sob o domínio do Império Romano, tornando-se província após a derrota da rainha Cleópatra VII, na Batalha de Áccio, na Grécia, durante a guerra civil entre o cônsul Marco Antônio e o imperador Otaviano.

Os primeiros sinais de desaparecimento da história do Antigo Egito encontram-se após a tomada da cidade de Alexandria, por Júlio César (Roma, Itália, 100 a.C.-44 a.C.), em 47 a.C., com o incêndio da biblioteca denominada “Museu”. Incluindo numerosas obras relativas ao Egito dos faraós, entre outras a *Aegyptiaca, uma história do Antigo Egito*, em grego, no original, em trinta volumes, que Maneton (Sebenitos, Baixo Egito, viveu aproximadamente por volta de 200 d.C.), um sacerdote egípcio, havia escrito, em grego, a pedido de Ptolomeu I (Macedônia, 367 a.C.-Alexandria, 283 a.C.), relatando os costumes dos habitantes e sua religião.¹

De fato, toda biblioteca possuía duplicatas, que, neste caso, eram conservadas na biblioteca do templo de Serápis. Uma ordem do imperador Teodósio I (Coca, Península Ibérica, 347-Milão, Itália, 395), determinando o fechamento de todos os templos pagãos do Império, em 392, decreta, além disso, sua destruição e incêndio, de modo que as obras que haviam escapado ao desastre de 47 a.C. acabaram por desaparecer de uma vez.

A arte e arquitetura ditas “clássicas” perpetuaram o legado deixado pela civilização egípcia, de forma que monumentos e antiguidades puderam ser copiados e levados para todos os lugares do mundo.² Suas ruínas permitiram a curiosidade de escritores e viajantes ao longo dos anos, exercendo grande influência no nascimento da egiptologia.³

O fascínio europeu inicial

Os antigos gregos, curiosos por natureza, reuniram os primeiros relatos de viagens no vale do Nilo. Chegado por volta de 450 a.C., Heródoto (Halicarnasso, hoje Bodrum, Turquia, 485?-420 a.C.) traça precisas informações e observações sobre a vida cotidiana dos egípcios. Graças à vivacidade de sua percepção, visualizam-se as representações tanto nos templos como nos túmulos, confirmando a exatidão de suas anotações.⁴

No final do século XVIII, sob pretexto de campanha expedicionária, no entanto colonizadora — contras as forças britânicas na busca pelo domínio daquela região do Oriente —, promovida pelo então líder militar Napoleão Bonaparte (Ajaccio, França,

1769-Santa Helena, Grã-Bretanha, 1821), visitantes e interessados pela cultura são atraídos e, em 1798, conta com a participação do barão Dominique Vivant Denon (Chalon-sur-Saône, Saône-et-Loire, França, 1747-Paris, França, 1825),⁵ sendo nomeado por Napoleão, em seu retorno à França, o diretor-geral dos museus (idealizador do Museu Napoleão — nome dado a uma grande ala do Museu do Louvre, reinaugurada em 1803). Através da obra *Le voyage dans La Basse et la Haute Égypte pendant les campagnes du général Bonaparte*,⁶ marca-se o começo do novo interesse pelo Egito dos faraós; seus elementos gráficos iniciam o que viria a se chamar “egiptomania”,⁷ e iria atrair grandes nomes como o egiptólogo Jean-François Champollion (Figeac, França, 1790-Paris, França, 1832), além de saqueadores em busca de riqueza.

Esse interesse pelo Antigo Egito foi o marco para o desenvolvimento da ciência denominada Egptologia, notado primordialmente através dos estudos e do processo de decifração e interpretação da escrita hieroglífica — análise da Pedra de Roseta, hoje presente no Museu Britânico — realizados por Champollion e, conseqüentemente, para o início dos saques de bens históricos e culturais que resultaram na formação das grandes coleções de museus europeus.

Denon e o projeto do “Museu Real” francês

Após sua volta para o solo francês, Denon assume a direção do Museu Central das Artes em 19 de novembro de 1802,⁸ inaugurado em 10 de agosto de 1793.⁹ De acordo com o decreto, ele acaba assumindo uma função de “ministro das Belas Artes”¹⁰ e se encarrega do Museu dos Monumentos Franceses.

Uma das preocupações no começo de seu trabalho seria encontrar e desenvolver novos espaços para expor as coleções que continuam a crescer. De fato, às coleções reais, a partir das quais a instituição foi formada, foram acrescentadas as apreensões entre os emigrantes e as conquistas feitas pelas tropas revolucionárias na Bélgica e na Itália.¹¹ Pinturas de artistas renomados — Fra Angelico, Giotto, Mantegna, por exemplo — integram as coleções do museu, de certo modo antecipando o contemporâneo conceito e justificativa para o “museu universal”.¹²

O interesse pelas antiguidades: diplomatas, aventureiros e ladrões

Cônsul-geral da França no Egito no tempo de Luís XIV (Saint-Germain-en-Laye, França, 1638-Palácio de Versalhes, França, 1715), Benôit de Maillet (Saint-Mihiel, França, 1656-Marselha, França, 1738) foi o primeiro diplomata a cobiçar a pilhagem das antiguidades egípcias em benefício das coleções reais. Grande parte desses itens cobiçados se tornariam algumas das primeiras coleções específicas de museus europeus, dos quais de Maillet enviara ao rei um grande número de artefatos.¹³ Ele abastece igualmente Louis Phélypeaux, o conde de Pontchartrain (Paris, França, 1643-1727) e, sobretudo Anne-Claude-Philippe de Tubières Caylus, o conde de Caylus (Paris, França, 1692-1765), que fez escavações na Grécia. Como prova de seu feito em terras mediterrâneas, Maillet pensa em enviar a Paris a coluna de Pompeu de Alexandria,¹⁴ contudo sem resultado.

Aspectos do comércio e suas personagens

No Antigo Egito, o comércio exterior era organizado pelo faraó, que ficava responsável por comandar as expedições. No século XIX, a fim de modernizar seu país e trazer a prosperidade, o quediva¹⁵ Muhammad Ali Pasha (Cavala, Macedônia, c. 1769-Cairo, Egito, 1849) fortaleceu o setor agrícola e fomentou o monopólio no comércio estatal, construindo, assim, uma base industrial e qualificando seu poderio militar.¹⁶

Imersos no comércio de antiguidades que prosperou rapidamente, os cônsules estrangeiros lá estabelecidos têm um papel importante. Era necessário utilizar a mão de obra da região para realizar o transporte dos objetos egípcios. Porém, para se apropriar da atividade laboral existente, era preciso a autorização do quediva por intermédio de um documento escrito, o *firman*.¹⁷ Dessa forma, se tornavam possíveis as trocas de favores entre o governante e os cônsules: espólio dos bens encontrados nas escavações e facilitação da chegada de máquinas necessárias para a construção da indústria nascente.

Assim, os cônsules-gerais — Giovanni Anastasi (Damasco, Síria, 1765-1860), para a Suécia e Noruega, Bernardino Drovetti (Barbania, Itália, 1776-Turim, Itália, 1852), Minaut e Sabatier, para a França, Henry Salt (Lichfield, Inglaterra, 1780-1827), para a Inglaterra — permitem conceder *firman*s, uma vez que recrutam agentes que, em seus nomes, escavam e se encarregam de retirar as relíquias. Eis que se inicia um comércio motivado pela riqueza, transformando as cidades em grandes leilões.¹⁸

Museu Egípcio de Turim

Drovetti propõe ao rei da França, Luís XVIII (Versalhes, França, 1755-Palácio do Louvre, França, 1824) a venda do conjunto de artefatos que reunira para o Museu do Louvre. Diante da recusa do monarca, por considerar o preço muito alto, o conjunto é comprado, em 1824, pelo rei do Piemonte-Sardenha (antes da unificação da Itália), Carlos-Félix (Turim, Piemonte, 1765-1831), destinando-o ao Museu Egípcio de Turim, criado naquele ano, e passando a ser o primeiro da Europa a possuir um acervo de alta qualidade: 95 estátuas, entre elas, as de Amenófis I, Tutmósis I, Tutmósis III, Amenófis II, uma esfinge de Amenófis III e uma estátua de granito de Ramsés II.¹⁹

O primeiro núcleo da sua Biblioteca Silvio Curto (Bra, Itália, 1919-Turim, Itália, 2015) também data de 1824, e as primeiras aquisições incluem obras de grande valor, tais como a *Description de l'Égypte, recueil des observations et des recherches qui ont été faites en Égypte pendant l'expédition de l'armée française*, resultado das expedições realizadas pela *Commission des Sciences et des Arts*. Esta publicação seriada foi iniciada em 1809 e terminada em 1829, e ofereceu uma detalhada exposição científica do antigo e moderno Egito: *I monumenti dell'Egitto e della Nubia*, por Ippolito Rosellini (Pisa, Itália, 1800-1843); e *Denkmäler aus Ägypten und Äthiopien (Monumentos do Egito e Etiópia)*, de Karl Richard Lepsius (Naumburgo, Alemanha, 1810-Berlim, Alemanha, 1884).²⁰

Museu do Louvre

Com uma grande coleção, a ala das antiguidades egípcias abrange desde o Antigo Egito até a arte copta, incluindo os períodos helenístico, romano e bizantino, possibilitando uma visão geral da cultura e sociedade egípcias. Esta seção do museu foi criada em 1826, por decreto de Carlos X (Versalhes, França, 1757-Görz, Áustria, 1836), por intermédio da grande empreitada de Champollion. Este, descontente contra aqueles que retiravam o patrimônio das terras egípcias, censurava esta ideia sem o controle do governo para este fluxo comercial. No entanto, não havia oposição no caso desses objetos removidos ficarem expostos em museus ou lugares públicos, contando com autorização oficial.²¹ Mesmo assim, removeu o batente de uma porta de tumba de Séti I, peça que pode ser encontrada no Museu do Louvre.

O egiptólogo Henry Salt foi a fonte para o segundo lote de objetos. Ele o propôs primeiro ao Museu Britânico, porém o vendeu, sem dificuldades, ao rei Carlos X, em 1824. Há peças que se destacam: uma seção de parede coberta de inscrições provenientes de Karnak, o sarcófago em granito rosa de Ramsés III, duas grandes esfinges em granito e o altar, igualmente de granito, do templo de Philae.

Outra personagem a contribuir com a coleção do museu, Bernardino Drovetti, vice-cônsul da França no Egito em 1803 e nomeado cônsul-geral em 1810, se liga ao governante egípcio, de forma que, quando da ascensão de Luís XVIII, em 1814, perdendo sua função de cônsul-geral, permaneceu em solo africano e, graças ao favor do vice-rei, continuou suas proveitosas operações como traficante de antiguidades, participando pessoalmente da busca dos objetos; entretanto, eram, sobretudo, seus agentes, protegidos pelo *firman*, que pilhavam sem pudor.

Satisfeito com o resultado de sua primeira operação comercial para Turim, Drovetti continuou as escavações e reuniu um segundo conjunto. Aconselhado por Champollion, o rei Carlos X o adquiriu para o Museu do Louvre, constituindo, em grande parte, o núcleo egípcio da instituição. Entre as peças de primeira grandeza adquiridas está a taça em ouro maciço do general Thoutii, além de três sarcófagos de pedra dura, dez estelas de granito, sessenta estelas de pedra calcária, amuletos, manuscritos, duas múmias e outros objetos de ouro.²²

O arqueólogo Émile Prisse d’Avennes (Avesnes-sur-Helpe, França, 1807-Paris, França, 1879), curioso pela compreensão da sucessão de reinados e a ordem dos construtores de templos, retirou objetos da Sala dos Antepassados de Tutmés III em 1843 — da qual continha inscrições a respeito dos soberanos — e ofereceu o acervo do templo de Karnak à França e, hoje, se encontra no Museu do Louvre.²³

Museu Britânico

Fundado em 1753, o museu reuniu, em seus primórdios, três coleções: a Biblioteca Cottoniana de manuscritos medievais de Sir Robert Bruce Cotton (1570-1631); manuscritos do Conde de Oxford, Robert Harley (1661-1724) e a de Sir Hans Sloane (Killyleagh, Irlanda, 1660-Londres, Reino Unido, 1753), composta por antiguidades egípcias, clássicas e medievais e outros objetos, além das peças que formariam o núcleo central de seu acervo egípcio e do seu departamento de história natural.²⁴ A quantidade inicial de 160 objetos egípcios foi aumentada após a derrota das tropas francesas na Batalha do Nilo, em 1801, quando os objetos foram recolhidos e confiscados pelo exército vencedor e, posteriormente, entregues ao museu, em 1803. Obras como a famosa Pedra de Roseta foram o primeiro grupo importante de grandes artefatos adquiridos pelo museu.²⁵

Em 1816, Henry Salt, já nomeado cônsul da Inglaterra no Egito, com o suporte de alguns agentes, como Giovanni d’Athanasí (Lemnos, Grécia, 1798-Londres, Reino Unido, 1854), colecionador e negociante de arte mais conhecido dos viajantes da época sob o nome de Yanni²⁶ e, sobretudo, Giovanni Battista Belzoni, reuniu, possivelmente,

uma das primeiras grandes coleções egípcias, oferecida para ser comprada à instituição a partir de 1818. Após a sua morte, em 1827, outra reunião de objetos, constituída por pouco mais de mil itens, que, em sua maioria, foi também adquirida pelos ingleses.

As mãos que exploraram o Egito: Giovanni Battista Belzoni

Presente em grande parte da composição dos acervos dos museus Britânico e do Louvre, Belzoni é sugerido por um agente do vice-rei Mohammed Ali a ir ao Egito, em 1814, para apresentar-lhe seus conhecimentos de hidráulica. Durante dois anos, trabalhou para instalar uma máquina destinada a facilitar a irrigação e elevar as águas do Nilo — contribuindo com os propósitos do governante. Embora esta invenção tenha sido funcional, o vice-rei se recusou a adquiri-lo.

Depois do ocorrido, Belzoni encontrou Salt e, acompanhado do viajante Jacob Burckhardt (Basileia, Suíça, 1818-1897), foi em busca do busto de Ramsés II. Outro monumento que ele retirou foi a tampa do sarcófago de granito de Ramsés III, em 1819. A base do sarcófago permaneceu na tumba até ser removida por Giovanni D'Athanasi para fazer parte da segunda coleção de Henry Salt, que foi comprada pelo governo francês e está em exibição no Museu do Louvre, em Paris. Mais recentemente, alguns dos fragmentos de pálpebra faltantes foram encontrados nas áreas do túmulo de Ramsés III.²⁷

O cônsul inglês viu nesta operação a possibilidade de satisfazer Joseph Banks (Londres, Reino Unido, 1743-Isleworth, Reino Unido, 1820), rico colecionador e membro do conselho de administração do Museu Britânico e, dessa forma, adiantou o dinheiro necessário para o deslocamento da peça, além de uma soma destinada à compra de todas as antiguidades que viesse a descobrir.

Seu sucesso fez com que Henry Salt lhe propusesse mais expedições, como ao templo de Edfu, Elefantine e Philae. Foi o comerciante italiano quem abriu o grande templo de Abu Simbel na areia (1817) e fez escavações em Karnak, encontrando a tumba de Sétí I (conhecida como “A tumba de Belzoni”). Retirou o sarcófago em alabastro de Sétí I e o vendeu ao arquiteto britânico John Soane (Goring-on-Thames, Reino Unido, 1753-Londres, Reino Unido, 1837). A ele ainda é atribuído o fato de ter sido o primeiro a entrar na segunda pirâmide de Gizé (1818).²⁸

Proteção da herança cultural egípcia

Era necessária mudança na atitude local em relação à herança cultural de seu país. Uma ação concreta visando à conservação desse patrimônio foi promovida por Rifa'a al-Tahtawi (Tahta, Egito, 1801-Cairo, Egito, 1873), acadêmico da ciência, cultura, literatura e direito egípcios, cujo pensamento contribuiu para o desenvolvimento de uma

consciência nacionalista em seu país durante o século XIX. Apontou sobre o valor daquele material arqueológico e estabeleceu um decreto, em 15 de agosto de 1835, considerada a primeira lei de proteção do patrimônio local.²⁹

O documento, destinado a proteger os monumentos do Alto Egito, baniu a exportação de antiguidades sem permissão e as considerava como propriedade do governo.³⁰ Além disso, foi criado um local no Cairo destinado para a conservação e exposição dos artefatos, posteriormente transformado nos primórdios do Museu Egípcio. Atarefa de reunir as primeiras antiguidades e transportá-las ao edifício nos Jardins Azbakiya foi designada a Louis Maurice Adolphe Linant de Bellefonds-Bey (Lorient, França, 1799-Cairo, Egito, 1883), engenheiro e fotógrafo francês.

Mesmo assim, o comércio e a destruição indiscriminada de monumentos continuavam livremente. Auguste Mariette (Bolonha-sobre-o-Mar, França, 1821-Cairo, Egito, 1881) havia chegado ao Cairo para comprar a coleção dos manuscritos cópticos para enriquecer a coleção do Louvre, onde era chefe do Departamento de Antiguidades Egípcias. Com o insucesso em sua missão, retornara ao país em 1857 e foi encarregado de preparar a viagem do príncipe Jerônimo Napoleão (Trieste, Itália, 1822-Roma, Itália, 1891), primo de Napoleão III, e de reunir para ele uma coleção de antiguidades que lhe seria oferecida pelo novo quediwa, Saïd Pacha. Em 1858, foi designado “Maamour”, diretor-geral do Serviço Egípcio de Antiguidades, e propôs mais rigor à pilhagem das antiguidades (mais tarde, em 1863, se tornou o fundador do Museu *Bulaq* ou Museu do Cairo).

Em 1891 houve uma alteração na legislação, na qual passaram a ser concedidos poderes ao diretor-geral de Museus e Escavações e ao Comitê Permanente de Antiguidades. O sistema conhecido como *partage* — sistema desenvolvido em 1883 pelo chefe francês do Serviço Egípcio de Antiguidades, Gaston Maspero (Paris, França, 1846-1916), e pelo arqueólogo inglês, William Matthew Flinders Petrie (Charlton, Reino Unido, 1853-Jerusalém, Israel, 1942), para contornar a legislação vigente em benefício dos trabalhos arqueológicos realizados por britânicos e franceses, dividindo os frutos das escavações igualmente — garantia aos escavadores licenciados levar consigo o que fora encontrado em solo egípcio.

A coleção egípcia do Museu Nacional

Após as pilhagens de templos e tumbas empreendidas por Belzoni durante os anos de 1816 a 1819, ele chegou a Luxor, onde explorara o Vale dos Reis e a necrópole de Tebas, no Templo de Karnak.³¹ Negociou todo o fruto de seu espólio com antiquários

da época, parte de seu espólio, de alguma forma, chegou às mãos de Nicolau Fiengo, comerciante de antiguidades, possivelmente italiano.

Segundo o jornal carioca *Astrea*, Fiengo partiu de Marselha com destino a Buenos Aires.³² Por motivo de bloqueio no Rio da Prata, o negociante não teria conseguido celebrar a venda dos artefatos.³³ Em maio de 1826, o comerciante embarcou em direção ao Rio de Janeiro.³⁴ Após sua chegada em terras cariocas, no dia 14 de junho de 1826, como passageiro do navio francês *Gustave Annce*,³⁵ um aviso correspondente, conservado no Arquivo Nacional, datado de 24 de junho do mesmo ano e assinado por Manuel Jacinto Nogueira da Gama, o Visconde de Baependi (São João Del-Rei, Minas Gerais, Brasil, 1765- Rio de Janeiro, Brasil, 1847), nos informa que a embarcação em que Fiengo estava foi vistoriada “a fim de se conhecer se ela pode ou não ser de boa presa por ter violado o Bloqueio”. As antiguidades foram ainda inspecionadas, pois o juiz interino da alfândega queria ter certeza se a coleção não “estava vendida à República de Buenos Aires”. A resposta em outro aviso correspondente, datado de 19 de agosto de 1826, foi a liberação dos “volumes do suplicante”, visto que não havia nenhum impedimento.³⁶ Logo após esse episódio, Fiengo organiza uma exposição em parte do andar térreo do Museu Real, antigamente localizado no Campo de Santana;³⁷ tal mostra pública durou aproximadamente oito meses e lá os artefatos permaneceram, até serem leiloados.

D. Pedro I, já pertencente à maçonaria,³⁸ e sob os preceitos da sociedade, e com relação intrínseca com o Antigo Egito,³⁹ sua possível inspiração, adquire a coleção trazida por Fiengo em abril de 1827, dando origem à maior coleção egípcia da América Latina, hoje no Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ — em 2018, o prédio do museu sofreu um incêndio que dizimou grande parte do acervo que o constituía. A quase totalidade das fontes atribui a decisão pela compra à influência recebida pelo imperador diretamente de José Bonifácio de Andrada e Silva, seu ministro e conselheiro que, contudo, à época, se encontrava exilado na França.

Leia-se o documento de compra da coleção, que se encontra no arquivo da Divisão de Antropologia do Museu Nacional:

Atendendo ao que Me representou Nicolau Fiengo, que propôs a venda das Antiguidades Egípcias, já depositadas no Museu Nacional desta Côrte: Hei por bem que pelo Tesouro Público se pagou ao dito Nicolau Fiengo a quantia de cinco contos de réis em que ele avaliou as referidas antiguidades; verificando-se o pagamento desta compra o prazo de seis, doze e dezoito meses. O marquês de Queluz do meu Conselho de Estado, ministro e secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, encarregado interinamente dos da Fazenda, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessários. Palácio do Rio de Janeiro em três de abril de mil oitocentos e vinte e sete, sexto da Independência e do Império. [Rubrica do Imperador] / (ao) / Visconde de São Leopoldo / Cumpra-se, e registre-se, Rio de Janeiro, em 10 de abril de 1827 / (as.) Queluz.

Entre as peças mais importantes são identificadas: 55 estelas (placas de pedra com inscrições em hieróglifos) pertencentes aos funcionários e sacerdotes de diferentes épocas; seis múmias completas, três delas crianças. Entre animais mumificados, 9 crocodilos, 3 gatos, um peixe e um íbis; uma estatueta feminina em madeira, gêmea de outra existente no Museu de Atenas que representa a dama Takushit; uma pequena estatueta de bronze do Sumo Sacerdote de Amon, Menkheperre, entre outras peças.⁴⁰ As informações que detemos sobre a coleção egípcia, após o infortúnio causado pelo incêndio em 2018, são de que foram recuperados mais de 200 itens do acervo reunido pelo imperador D. Pedro I — entretanto não sabemos se alguns dos exemplares mencionados anteriormente (como estelas e estatuetas) se encontram na lista dos resgatados.

Segundo o arqueólogo Antonio Brancaglione Jr., chefe do departamento de Arqueologia do Museu Nacional/UFRJ, as cortes europeias apreciavam múmias e sarcófagos como se estivessem se vendo em um espelho distorcido e envaidecedor. “Era como se dissessem: ‘Olha, somos nós, a realeza, mas no passado.’” É possível que essa tenha sido outra das motivações do imperador.⁴¹

Considerações finais

Não há uma correlação entre a aquisição do conjunto de objetos e o momento do século XIX, de consolidação desses espaços museológicos enquanto locais de ilustração e de intenso aumento de coleções, em especial no que tange à própria temática de antiguidades egípcias, já que as primeiras décadas do século XIX ficaram conhecidas na área do conhecimento arqueológico como a “era dos antiquaristas”, onde a coleta de artefatos arqueológicos se pautava pela não cientificidade e pelo objetivo de constituir coleções para museus europeus e colecionadores privados. Em contrapartida, neste mesmo século, a busca por reunir as histórias da cultura e da humanidade possibilitou o nascimento de uma nova idealização de museu baseada na difusão do conhecimento, da ciência e da tecnologia.

A expedição napoleônica ao Egito, em finais do século XVIII, as explorações dos sítios arqueológicos e as aquisições de peças egípcias por D. Pedro I, contribuíram para a constituição do marco fundamental para a egiptologia europeia e brasileira (esta realizada por profissionais capacitados e empenhados em investigar os materiais que aqui compõem as coleções das instituições museológicas), instituída no final do século XIX como ciência, sobretudo através dos estudos dos hieróglifos presentes na Pedra de Roseta, incentivado muito pelas descobertas realizadas e pelo estabelecimento de instituições que asseguravam seu desenvolvimento.

Notas

¹ Com a campanha de Napoleão Bonaparte, eclode o interesse pela antiguidade egípcia, tendo como um importante irradiador a tradução dessa obra. Alguns estudiosos cristãos, como Africanus (220 d.C.) e Eusebius (320 d.C.) registraram parte dos textos de Maneton, dando assim continuidade a seus textos e propagando boa parte de sua obra, que serve de importante base para os dias atuais. Composto-se de dez volumes, o primeiro, consagrado às antiguidades, lâminas e memórias, apareceu em 1809. Ver HUMBERT, Jean-Marcel; PANTAZZI, Michael; ZIEGLER, Christiane. *Egyptomania: l'Égypte dans l'art occidental 1730-1930*. França: Réunion des Musées Nationaux, 1994.

² A partir dos obeliscos levados para Roma e erigidos em diferentes lugares da cidade, como a Piazza del Popolo ou a Piazza della Minerva, que R. P. Athanasius Kircher (Geisa, Alemanha, 1601-Roma, Itália, 1680) procurou, no começo do século XVII, decifrar a chave da escrita hieroglífica.

³ A Egiptologia surgiu como uma “irmã mais nova” da Arqueologia Clássica — cujo estudo também está fortemente ligado a filologia — mas que estendeu com o tempo o seu objeto de estudo indo do período pré-dinástico até a história contemporânea do Egito. Embora se espere que o egiptólogo estude a sociedade no geral, a Egiptologia ainda está fortemente focada no estudo da vida dos faraós (ou pessoas que tinham uma relativa importância econômica) onde está incluso o lado funerário (túmulos e múmias) e o estudo de textos que em parte foram feitos por uma minoria de privilegiados. Ver JAMILLE, Márcia. *Ensaio sobre a Egiptologia*. Outubro de 2011. Disponível em: <http://arqueologiaegipcia.com.br/2011/10/02/ensaio-sobre-a-egiptologia/>. Acesso em: 8 Ago. 2018.

⁴ As *Histórias* (em grego antigo: Ἱστορίαι, transl. *Historiai*), obra dividida em nove livros dedicados às Musas — entidades da mitologia grega —, constituem-se na primeira tentativa do homem em sistematizar o conhecimento de suas ações ao longo do tempo. Data de cerca de 440 a.C.. Destinado à musa Euterpe, o segundo volume da composição é dividido em duas partes: na primeira, descreve geograficamente o Egito; na segunda, relata a história da região. As descrições apresentadas por Heródoto baseiam-se na tradição oral helênica e em suas observações diretas sobre o Egito e as inquirições entre seus habitantes, em especial aos mais doutos sacerdotes. Heródoto demonstra que realiza o trabalho de um pesquisador, um investigador dos fatos. Ver HERÓDOTO. *Histórias: Livro II - Euterpe*. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2016.

⁵ Viaja ao país durante as campanhas expedicionárias a fim de estudar e conhecer os territórios egípcios, com a missão de conquistar o país, considerado como base útil para uma possível dominação da Índia, principal fonte de riqueza da Grã-Bretanha. Ver MORALES, Maria Angélica Beghini. *O circuito das artes pelas letras de Vivant Denon: um nobre patrono para uma nova França (1778-1815)*. Dissertação de mestrado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.: São Paulo, Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/.../2015_MariaAngelicaBeghiniMorales_VOrig.pdf. Acesso em: 7 Jul. 2018.

⁶ O livro foi lançado em 1802, sendo traduzido para o inglês e o alemão.

⁷ A egiptomania nasceu na Europa quando o imperador Augusto faz o traslado de obeliscos e de alguns monumentos egípcios para Roma, pois eles traziam a reflexão sobre um império poderoso, que era digno de inspiração. Ressurge novamente na Renascença, quando foi criada a imprensa (1450), onde são publicados os primeiros livros que levam diversos conhecimentos as pessoas alfabetizadas e, através da leitura desses livros, começou a se difundir o Egito pela Europa. Ver D'LEAL. *O conceito de egiptomania*. Fevereiro de 2014. Disponível em: <http://opiniaocomhistoria.blogspot.com/2014/02/o-conceito-de-egiptomania.html>. Acesso em: 5 Jul. 2018.

⁸ FONDATION NAPOLEON. *Correspondência administrativa de Vivant Denon*. Disponível em: http://www.napoleonica.org/denon/denon_bio.html. Acesso em: 8 Ago. 2018. Tradução nossa.

⁹ WIKIPÉDIA. “Museu do Louvre”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_do_Louvre. Acesso em: 8 Ago. 2018.

10. Desde 1798, Joaquim Lebreton (Saint-Méen-le-Grand, França, 1760-Rio de Janeiro, Brasil, 1819), secretário perpétuo da classe de Belas-Artes do Instituto de França, atuava como assistente de Denon, na função de administrador do museu e converteu-se em colaborador do diretor na organização das coleções, em 1802, tornando profícua e valorosa relação para as pretensões da instituição museológica.
11. Idem: http://www.napoleonica.org/denon/denon_bio.html. Acesso em: 8 Ago. 2018.
12. A ideia de um “museu universal”, no sentido de que participaria da constituição de um senso comum que teria vocação para abordar toda a humanidade, segundo o ideário da Revolução Francesa, anteciparia ou fundamentaria a declaração dos Museus Universais? Ver ICOM. *Déclaration sur l'importance et la valeur des musées universels*. Disponível em: http://archives.icom.museum/pdf/F_news2004/p4_2004-1.pdf. Acesso em: 15 Ago. 2018.
13. Em 1735 foi publicada uma obra a partir das memórias das viagens de Maillet, em que a descrição das antiguidades encontradas durante sua viagem recebe um lugar de destaque.
14. VERCOUTTER, Jean. *Em busca do Egito esquecido*. Tradução de Ana Maria Roiter. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p. 33.
15. O termo se origina do persa *khidív* ("rei", "príncipe"); e o turco *qidív* ("vice-rei"). Era o título de vice-rei conferido pelo Império Otomano ao governador dignitário do Egito. WIKIPÉDIA. *Quediva*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Quediva>. Acesso em: 7 Ago. 2018.
16. ENCYCLOPEDIA OF WORLD BIOGRAPHY. *Biografia de Muhammad Ali Pasha*. Disponível em: <http://www.notablebiographies.com/supp/Supplement-Mi-So/Pasha-Muhammad-Ali.html>. Acesso em: 21 Jul. 2018. Tradução nossa.
17. A *firman*, palavra emprestada do persa, que significa “ordem”, ao nível constitucional, foi um mandato real ou decreto emitido por um soberano em um Estado islâmico, ou seja, o Império Otomano. Durante vários períodos, foram recolhidos e aplicados como órgãos tradicionais do direito. Em um nível mais prático, um *firman* era, e pode ainda ser, qualquer permissão por escrito concedida pelo funcionário islâmico apropriado em qualquer nível de governo. Os ocidentais talvez estejam mais familiarizados com a permissão para viajar em um país, que normalmente poderia ser comprada antecipadamente, ou com a permissão para conduzir investigações acadêmicas no país, como escavações arqueológicas. Ver WIKIPÉDIA. “Firman”. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Firman>. Acesso em: 21 Jul. 2018.
18. WAKELING, T. G. *Forged egyptian antiquities*. London: Adam & Charles Black, 1912, p. 123.
19. SILIOTTI, Alberto. *Primeiros descobridores: a descoberta do Antigo Egito*. Barcelona: Editora Folio, 2007.
20. MUSEO EGIZIO. *La storia del museo: La nascita e il cammino del più antico Museo Egizio al mondo*. Disponível em: <https://museoegizio.it/scopri/storia/>. Acesso em: 8 Ago. 2018. Tradução nossa.
21. TIRADRITTI, Francesco. *Tesouros do Egito: do museu egípcio do Cairo*. São Paulo: Editora Manole, 1998, p. 16.
22. SILIOTTI, Alberto. Op. cit.
23. VERCOUTTER, Jean. Tradução de Ana Maria Roiter. *Em busca do Egito esquecido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p. 98.
24. WIKIPÉDIA. “Museu Britânico”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_Brit%C3%A2nico. Acesso em: 8 Ago. 2018.
25. HISOUR. *Antigo Egito e Sudão: Museu Britânico*. Disponível em: <https://hisour.com/pt/ancient-egypt-and-sudan-british-museum-37000/>. Acesso em: 8 Ago. 2018.
26. Sua grande coleção de antiguidades foi vendida em Londres, na Sotheby's, em 5 de março de 1836 e de 13 a 20 de março de 1837. Ver THE BRITISH MUSEUM. *Giovanni d'Athanasia: biographical details*. Disponível em: http://www.britishmuseum.org/research/search_the_collection_database/term_details.aspx?bioId=98025. Acesso em: 28 Jul. 2018.

27. THE FITZWILLIAM MUSEUM. Cambridge. *Explorador: Giovanni Battista Belzoni*. Disponível em: <http://www.fitzmuseum.cam.ac.uk/collections/egypt/collectionhistory/belzoni>. Acesso em: 16 Ago. 2018.
28. FERREIRA, Lucas. “Giovanni Battista Belzoni”. In: *Antigoegito.org.*. Maio de 2011. Disponível em: <http://antigoegito.org/giovanni-battista-belzoni/>. Acesso em: 8 ago. 2018.
29. COLLA, Elliott. *Conflicted antiquities: egyptology, egyptomania, egyptian modernity*. Durham: Duke University Press, 2007, p. 101.
30. SILVERMAN, Helaine. *Contested cultural heritage: religion, nationalism, erasure and exclusion in a global world*. New York: Springer, 2010, p.142.
31. *Gazeta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. 20/06/1818, n° 49, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=749664&pesq=Thebas>. Acesso em: 8 Ago. 2018.
- Gazeta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 29/05/1819, n° 43, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=749664&pesq=belzoni>. Acesso em: 8 ago. 2018.
32. *Astrea*. Rio de Janeiro, 29/07/1826, n° 16, p. 3-4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=749700&pesq=fiengo>. Acesso em: 8 Ago. 2018.
33. A região do rio da Prata passava por um momento de instabilidade política, além dos problemas que envolviam a disputa pela Província Cisplatina (atual Uruguai), incorporada em 1821 ao Império do Brasil. Desde abril de 1825, o imperador mandava reforços para a esquadra brasileira no rio da Prata, na tentativa de bloquear o acesso ao porto de Buenos Aires. Ver CARIELLO, Rafael. “Múmias da classe C”. *UOL*. Setembro de 2013. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/mumias-da-classe-c/>. Acesso em: 30 Jul. 2018.
34. *Diário Fluminense*. Rio de Janeiro, 02/05/1826, v. 7, n° 98, p. 392. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=TMZeAAAAcAAJ&pg=PA392&lpg=PA392&dq=nicolao+tiengo&source=bl&ots=G4m0UMKmdJ&sig=NtdcAQJojYpf5mveALQISEHnQPE&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwj0onU98vcAhVEkJAKHQryAMoQ6AEwAnoECAAAQ&Q#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 8 Ago. 2018.
35. Esses dados constam, conforme COELHO, L. C & SANTOS, M. E. “O Antigo Egito em espaços privados: um estudo de Egiptomania”. *Revista Uniandrade: Especial História*. Curitiba, v. 6, n° 1, p. 4, de documentos do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e dos arquivos do Setor de Arqueologia do Museu Nacional, aos quais, todavia não acessamos.
36. SANTOS, Moacir Elias. “Múmias egípcias em museus brasileiros: a constituição das coleções e a investigação científica”. *Estudios interdisciplinarios de historia antigua*. Volumen V. Córdoba: Argentina, 2015. Disponível em: https://ffyh.unc.edu.ar/editorial/wp-content/uploads/sites/5/2018/05/Estudios_Interdisciplinarios_Historia_Antigua_V.pdf. Acesso em: 8 Ago. 2018.
37. *Astrea*. Rio de Janeiro, 19/09/1826, n° 37, p. 1-2. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=ZTpKAAAACAAJ&pg=PA150&lpg=PA150&dq=o+carioca+constitucional+fui+ver+as+mumias&source=bl&ots=pJG4JCwR2P&sig=p99PceMd9DAXqj1_jSa5fh93Q2g&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwj26O6TuYjcAhVDhZAKHZhcAVcQ6AEIJzAA#v=onepage&q=o%20carioca%20constitucional%20fui%20ver%20as%20mumias&f=false. Acesso em: 8 Ago. 2018.
38. Dom Pedro de Alcântara, príncipe regente do Brasil, foi iniciado conforme prescrevia a liturgia maçônica, prestou juramento e adotou o nome de Guatimozin. Em 04 de outubro de 1822, D. Pedro foi aclamado grão-mestre do Grande Oriente do Brasil. Ver *Jornal Maçônico. Independência do Brasil e D. Pedro I: maçom e grão-mestre*. Setembro de 2016. Disponível em: <http://jornalmaconico.blogspot.com/2016/09/independencia-do-brasil-e-dom-pedro-i.html>. Acesso em: 30 Jul. 2018.
39. Em relação à maçonaria, há autores que defendem sua origem egípcia, dizendo que as práticas

hebraicas, hoje presentes em alguns ritos maçônicos, foram transmitidas aos hebreus por Moisés, que teria sido iniciado nos mistérios egípcios. Ver Liberdade e amor Cássia. “Maçonaria e sua origem egípcia”. Dezembro de 2014. Disponível em: <https://liberdadeeamorcassia.mvu.com.br/site/maconaria-e-sua-origem-egipcia/oyvYuF6DF6A-3/nta.aspx>. Acesso em: 1 ago. 2018.

⁴⁰. CEEMO: Centro de Estudios del Egipto y del Mediterraneo Oriental. *La Colección Fiengo, núcleo del Museo egípcio que no tuvo Buenos Aires*. Disponível em: <http://www.ceemo.org.ar/Fiengo.html>. Acesso em: 8 ago. 2018. Tradução nossa.

⁴¹. CARIELLO, Rafael. “Múmias da classe C”. *UOL*. Setembro de 2013. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/mumias-da-classe-c/>. Acesso em: 8 Ago. 2018.